



## **O INDIVÍDUO SURDO NA SOCIEDADE OUVINTE: RESISTIR É PRECISO.**

***Edivaldo dos Santos Junior***

### **RESUMO**

Este trabalho tem como objetivo fomentar a discussão sobre a realidade do indivíduo surdo em meio a sociedade ouvinte. A partir de uma leitura respaldada pela sociologia, pretende-se apresentar as particularidades do sujeito surdo, visando a conquista do seu espaço como protagonista de sua própria história. Não se pode fechar os olhos para a persistência da discriminação, exclusão, desvalorização da língua de sinais, entre outros fatores, que têm inviabilizado a autonomia e conquista social das comunidades surdas. Durante muitos anos, os surdos têm sido silenciados pela sociedade ouvinte. Suas histórias têm sido contadas pelos ouvintes, que detêm o poder, mas nos últimos 20 anos, comunidades surdas têm se levantado por meio de federações, associações, entre outros, lutando por seus direitos, resistindo às posturas homogeneizantes, dando possibilidade de novos tempos para milhões de pessoas surdas no Brasil. Para a realização do trabalho se valeu do método qualitativo mediante pesquisa exploratória em forma de levantamento bibliográfico e análise documental. Num primeiro momento, aborda-se a questão da exclusão social que o surdo tem sofrido em meio a sociedade ouvinte, mostrando aqui suas causas e possíveis caminhos para superá-las. Logo a seguir, mostra-se a resistência por parte da comunidade surda no Brasil e mundo, na militância pela garantia dos seus direitos como cidadãos, principalmente através de sua própria língua, a língua de sinais. O resultado deste trabalho mostra que, de fato, existe uma grande força homogeneizante que tenta transformar o surdo em um ouvinte com defeito, tirando deles suas particularidades que lhes são garantidas por lei, como língua e cultura. Em contrapartida a essa postura, cada vez mais tem erigido um grupo de pessoas, resistindo contra toda forma discriminatória, lutando pela garantia dos direitos da pessoa surda, ganhando notoriedade e superando tudo que marginaliza esses indivíduos.

**Palavras-chave:** Surdez; Sociedade; Exclusão; Resistência



## **ABSTRACT**

This work aims to encourage discussion about the reality of the deaf individual in the midst of the listening society. From a reading supported by sociology, it is intended to present the particularities of the deaf subject, aiming to conquer his space as the protagonist of his own history. One cannot turn a blind eye to the persistence of discrimination, exclusion, devaluation of sign language, among other factors, which have prevented the autonomy and social achievement of deaf communities. For many years, the deaf have been silenced by the listening society. Their stories have been told by the listeners, who hold the power, but in the last 20 years, deaf communities have risen through federations, associations, among others, fighting for their rights, resisting the homogenizing stances, giving the possibility to air in the millions of deaf people in Brazil. To carry out the work, the qualitative method was used through exploratory research in the form of a bibliographic survey and documentary analysis. Firstly, the issue of social exclusion that the deaf has suffered in the midst of listening society is addressed, showing here its causes and possible ways to overcome them. Right afterwards, resistance from the deaf community in Brazil and the world is shown, in the militancy for the guarantee of their rights as citizens, mainly through their own language, the sign language. The result of this work shows that, in fact, there is a great homogenizing force that tries to transform the deaf into a defective listener, taking from them their particularities that are guaranteed by law, such as language and culture. In contrast to this stance, a group of people has increasingly erected, resisting all forms of discrimination, fighting for the guarantee of the rights of the deaf person, gaining notoriety and overcoming everything that marginalizes these individuals.

**Keywords:** Deafness; Society; Exclusion; Resistance

O INDIVÍDUO SURDO NA SOCIEDADE OUVINTE: RESISTIR É PRECISO.

*Edivaldo dos Santos Junior*



## INTRODUÇÃO

Os surdos, além de terem a sua cultura e comunidade própria, também estão inseridos na sociedade ouvinte. Por esse motivo é de extrema importância que seja feita uma séria investigação sobre como a sociedade ouvinte se relaciona como o surdo e o que esse relacionamento tem gerado. Qual tem sido o lugar da pessoa surda na sociedade ouvinte? Existe preconceito entre ambos? Qual é a visão que o surdo tem do ouvinte? E o ouvinte, como tem percebido o surdo? Essas são perguntas cruciais que precisam ser respondidas para que haja um melhor esclarecimento da realidade atual da sociedade ouvinte em relação ao surdo. Apresentar-se-ão neste artigo, algumas hipóteses que possam viabilizar as respostas para essas indagações, e a partir daí se buscar um caminho mais justo na relação social entre surdos e ouvintes.

Este trabalho se divide em dois itens. O primeiro fala sobre a exclusão e opressão que os surdos têm sofrido, tentando mostrar as interações sociais e seus resultados. O segundo aborda a questão da resistência surda, juntamente com alguns ouvintes, contra as forças opressoras impostas pela sociedade. Apresentar-se-á como os surdos têm conseguido reverter o quadro social em que convivem.

O primeiro passo que deve ser dado para se entender as relações sociais entre surdos e ouvintes é reconhecer o princípio da diversidade dentro da própria diversidade. Em um artigo sobre os diversos tipos de acessibilidade à informação e à comunicação dos surdos e também dos cegos, Elisabeth Fátima Torres *et al* (2007) mostram que “a diversidade existente entre os seres humanos se expressa em distintas formas e é possível considerar-se, recursivamente, que existe uma diversidade dentro da diversidade” (TORRES, *et al* 2007, p. 383).



Isso significa que dentro das próprias culturas e comunidades surdas existem vários pontos que se divergem, provando que os surdos, apesar de estarem sempre em uma união muito significativa entre eles, apresentam diferenças singulares. Muito tem sido falado aqui sobre as diferenças existentes entre surdos e ouvintes, mas seria um erro pensar que os surdos são um grupo homogêneo. Um exemplo disso são os diversos tipos de surdos que existem, como os nativos, os não-nativos, os oralizados, os sinalizados, entre outros<sup>1</sup>. Comprova-se com isso a diversidade dentro da própria diversidade como apresenta Torres (2007) em seu artigo. Esse aspecto heterogêneo também pode ser percebido claramente na sociedade ouvinte, visto que são pessoas totalmente diferentes vivendo juntas no mesmo ambiente social. Reconhecer as diferenças existentes dentro das próprias comunidades, sejam elas de ouvintes ou de surdos, é de extrema importância para se estabelecer uma plataforma de relações sociais mais dignas e respeitadoras. A problemática está na falta desse reconhecimento que tem gerado alguns conflitos sociais entre surdos e ouvintes.

A doutora em educação e mãe de surda Nídia Regina Limeira de Sá (2002) mostra que a sociedade tem definido os grupos de surdos como deficientes, menores, inferiores, isto é, um grupo que está fora do normal, uma anomalia. Tentar desmistificar e transformar essa visão social que se tem do surdo é um dos objetivos deste trabalho. Apresentar-se-á o princípio da diferença em substituição ao da deficiência, segundo o qual não existem menores ou inferiores, e sim diferentes. É notório que o século XXI está carregado de ideias preconceituosas não só a respeito dos surdos, mas de todos aqueles que não

---

<sup>1</sup> Nativos: pessoas que nasceram surdas; não-nativos: pessoas que em algum período da vida se tornaram surdas; oralizados: surdos que fazem leitura labial ou que conseguem falar através de sons articulados; sinalizados: surdos que se utilizam da língua de sinais como primeira língua.



se parecem com o grupo dominante. Isso tem levado a uma espécie de hegemonia, em que se pensa o sujeito a partir de um único ponto de vista, tratando todos de forma igualitária, provocando uma ausência de respeito pelas diferenças (PERLIN, 2001). Isto tem gerado um grave risco para a sociedade, pois esse modelo não respeita as particularidades dos indivíduos e grupos sociais, tratando todos de forma igual. A vertente que tenta ver a sociedade de forma igualitária, erra pelo fato de querer lidar com pessoas diferentes a partir de uma pseudo-igualdade. Ver o surdo da mesma maneira que se vê um ouvinte é um grande equívoco. Um índio não pode ser tratado da mesma maneira que se trata uma pessoa da cidade grande. Por esses motivos se optou utilizar neste trabalho o princípio da equidade, em que exista o devido respeito pelos diferentes.

Apesar de o surdo estar inserido em uma sociedade ouvinte, ele não pode perder a sua identidade cultural ou se fragmentar em metade surdo e metade ouvinte. O surdo deve ser sempre surdo, não importando em que lugar ele esteja, e os ouvintes precisam aprender a se relacionar com eles, da mesma forma os surdos precisam aprender a estabelecer um relacionamento com os ouvintes, para que haja uma verdadeira interação entre ambas as partes. Essa interação precisa sempre estar aberta a novas ideias e concepções diferentes, destruindo assim toda a plataforma etnocêntrica de dominação.

Angela Carrancho da Silva (2005) mostra que “o mundo social é a fonte em que bebe o homem para saciar a sua necessidade inexorável de comunhão” (SILVA, 2005, p. 45), pois todos os seres humanos necessitam de viver em comunhão com outros seres. Porém, existe um grande desafio nesse viver social com o outro, isto é, reconhecer que não existe ninguém que seja igual, e por esse motivo o desafio é sempre buscar o respeito pelos diferentes. Essa sede



de vida em comunhão que Silva (2005) nos apresenta está dentro de cada indivíduo. É sabido que muitas vezes as pessoas têm buscado saciar essa vontade de comunhão com aqueles que de alguma forma se pareçam com elas, excluindo os diferentes. Todos têm vivido em sociedade, mas a grande questão é como tem sido esse vivenciar social com os outros? No caso da sociedade ouvinte brasileira, como ela tem se relacionado com os surdos de uma forma geral? (SANTOS JÚNIOR, 2008)

## **OPRESSÃO E EXCLUSÃO**

Os surdos e ouvintes são pessoas que estão sempre em contato umas com as outras, são seres sociais que estão de alguma forma interagindo uns com os outros em contextos culturais e sociais. Essa interação na maioria das vezes é insatisfatória pelo fato do ouvinte não saber como se comunicar com os surdos. Esse grande problema tem resultado na exclusão e, conseqüentemente, gera a opressão sobre os surdos. A cientista social Paula Veras Pfeifer (2003) percebe esse problema na comunicação e conseqüentemente na interação entre surdos e ouvinte dizendo que esse relacionamento entre surdo e ouvinte sempre trará algum tipo de angústia, ou seja, pelo fato da língua ser de modalidade diferente, o surdo fica angustiado porque o ouvinte não sabe Libras, sendo quase impossível de se comunicar. O ouvinte também fica angustiado por não entender nada do que o surdo está tentando dizer e sabe que o surdo não está entendendo nada do que ele está falando. Existem casos de surdos que são oralizados, isto é, fazem leitura labial, o que facilita um pouco a interação com os ouvintes que não conhecem a língua de sinais por ele utilizada, mas essa compreensão

O INDIVÍDUO SURDO NA SOCIEDADE OUVINTE: RESISTIR É PRECISO.

*Edivaldo dos Santos Junior*



através da leitura labial é muito pequena, também causando, por esse motivo, uma angústia por ambas as partes. O que Pfeifer (2003) designa de interação insatisfatória poderia ser substituída por pseudo-interação, pois é exatamente isso que tem acontecido visto que se não há comunicação, como haverá interação, troca e partilha?

Outro fator que tem inviabilizado a interação entre surdos e ouvintes é a cultura de cada um deles, sendo a dos surdos a partir de leituras totalmente visuais, e a dos ouvintes ligadas muito mais a audição. Por esse motivo que se diz que surdos e ouvintes participam do mesmo espaço social, mas com percepções de mundo totalmente diferentes. (PERLIN, 2001) O que se tem na realidade são dois mundos dentro de um único espaço social, que são o mundo dos ouvintes e o mundo dos surdos. O desafio é estabelecer interação entre esses dois mundos.

Percebe-se então que os principais fatores que causam a exclusão e opressão dos surdos são a língua de sinais e a leitura de mundo somente pela percepção visual. Algumas pessoas acham melhor excluir os surdos do que tentar aprender a sua língua de sinais e incluí-los no seu convívio social, o que tem causado a grande marginalização desses sujeitos. Alguns surdos superam essa opressão social, lutam pelos seus direitos e conquistaram grandes vitórias, mas infelizmente isso só acontece com a minoria dos surdos, visto que a maioria continua sob o pesado braço da opressão, sem poderem nem mesmo serem considerados sujeitos.

A exclusão e opressão a que se faz referência é aquela imposta pela visão etnocêntrica dos ouvintes em relação aos surdos, isto é, pelo fato de não estarem dispostos a respeitarem os surdos dentro das suas singularidades culturais, os ouvintes lidam com eles como se fossem anormais, pois são diferentes da visão

O INDIVÍDUO SURDO NA SOCIEDADE OUVINTE: RESISTIR É PRECISO.

*Edivaldo dos Santos Junior*



dominante ouvinte. As pessoas não estão muito acostumadas a lidar com os diferentes, sendo por esse motivo mais fácil excluí-los do seu meio.

Quando se fala em relações sociais não se pode esquecer que a família é “a rainha e prisioneira do social” (PFEIFER, 2003, p. 56), isto é, ao mesmo tempo influencia a sociedade e também recebe influência dela. Sendo uma das mais importantes instituições de uma sociedade, em que se formam os cidadãos e os preparam para o mundo, o grupo familiar exerce uma forte e diferenciada influência na vida do surdo, seja no seu preparo para a vida ou no seu isolamento dela. Na maioria das vezes os surdos pertencem a famílias de pais e irmãos ouvintes, fato comprovado através dos resultados demográficos das pesquisas realizadas (IBGE, 2010). Muitas vezes trata-se de familiares que nunca se deram conta ou tiveram interesse pela cultura e comunidade surda. O nascimento de uma criança surda em um ambiente onde não se sabe nada sobre surdos é um grave problema, porém, tudo pode se tornar simples se os pais se preocuparem em conhecer melhor as características das pessoas surdas e buscarem educar os seus filhos dentro dos parâmetros culturais desse grupo.

O papel que a família exerce pode excluir e oprimir o surdo, ou incluí-lo e libertá-lo na sociedade. Um exemplo claro disso é o que acontece em algumas famílias em que existem surdos que não têm autonomia para fazerem nada e vivem dentro de uma “bolha” de superproteção dos pais. Por esses motivos são excluídos do meio social e carregam consigo o peso que os próprios familiares lhes impõem. O exemplo oposto seria daquelas famílias que estão sempre incentivando os seus filhos surdos a se desenvolverem, dando-lhes a devida liberdade para que isso aconteça. São familiares que se preocupam em aprender a língua de sinais, que lutam pelos direitos surdos junto com seus filhos, fazendo deles cidadãos plenos. Quanto aqueles familiares que são

O INDIVÍDUO SURDO NA SOCIEDADE OUVINTE: RESISTIR É PRECISO.

*Edivaldo dos Santos Junior*





adeptos da tradição oralista, acreditando que o desenvolvimento de seu filho só será possível através desse método, é necessário que haja um respeito pela opção do surdo em ser oralizado ou não. A oralização pode ser um fator importante na interação entre surdos e ouvintes, mas isso não pode ser uma obrigação, e sim uma opção feita pelo próprio surdo.

A problemática da exclusão que tem gerado a opressão parece ter o seu nascedouro na incapacidade de aceitar as diferenças do outro, isto é, as pessoas buscam viver em sociedade, mas se fecham para aqueles que são diferentes. Por esse motivo os surdos são pessoas diferentes que têm sofrido exclusões por indivíduos que se acham iguais. O erro desse pensamento é que não existe ninguém que seja igual, todos são diferentes. O sociólogo Boaventura de Souza Santos (2005) apresenta uma teoria sobre diferença e igualdade, em que “as pessoas e os grupos sociais têm o direito a ser iguais quando a diferença os inferioriza e o direito de ser diferentes quando a igualdade os descaracteriza” (SANTOS, apud KELMAN, 2005, p. 102). A ideia de Santos (2005) parece comprovar o princípio do tratamento a partir da equidade adotado por este trabalho, visto que nesse modelo se valorizam as diferenças sem inferiorizar e menosprezar ninguém, pois todos são seres humanos possuidores de direitos e deveres que devem ser respeitados.

As palavras de Nídia Regina Limeira de Sá (2006) mostram que não se pode fechar os olhos para o que está posto, ou seja, a prevalência da discriminação, da exploração, da exclusão, da injustiça e do autoritarismo. Essas são ações que costumam existir nas sociedades, portanto, praticá-las ou não é escolha de cada indivíduo. Neste tópico, foi abordado o problema da opressão e da exclusão na perspectiva social em relação aos surdos, sendo possível perceber o que Sá (2006) disse sobre a prevalência de algumas ações maléficas.



Vale agora se investigar, a partir do ponto de vista dos surdos, como esses indivíduos têm lutado contra essas práticas e como eles têm conseguido superá-las.

## **AS AÇÕES DE RESISTÊNCIA DOS SURDOS CONTRA A OPRESSÃO E EXCLUSÃO SOCIAL.**

Diante das diversas situações de sofrimento que os surdos têm enfrentado, como se percebe no tópico acima, algumas ações de resistência começam a surgir em prol de uma transformação da realidade social. Os surdos têm se levantado contra o sistema que os tenta engolir, e isso tem acontecido através de uma união entre as diversas comunidades surdas brasileiras representadas pelas federações e associações espalhadas pelo Brasil e mundo.

As comunidades e culturas surdas, assim como mostra o sociólogo Ottmar Teske (2002), têm conseguido “interferir nos discursos oficiais e governamentais, o que de alguma forma representa alguma mudança” (TESKE, 2002, p. 59). Isso demonstra que eles querem mudar, querem viver em uma sociedade melhor, em que sejam respeitados nas suas particularidades linguísticas e culturais. Os surdos que têm se envolvido com esses movimentos de resistência e transformação não estão mais aceitando a opressão e exclusão que algumas pessoas e entidades têm imposto sobre eles. Eles estão lutando pelos seus direitos de cidadãos surdos. Teske (2002) mostra que nos últimos 20 anos as comunidades surdas conquistaram grandes vitórias e a principal delas, aqui no Brasil, foi a oficialização e regulamentação da Língua Brasileira de Sinais – Libras como uma língua oficial, respectivamente, por meio da Lei

O INDIVÍDUO SURDO NA SOCIEDADE OUVINTE: RESISTIR É PRECISO.

*Edivaldo dos Santos Junior*



10.436/2002 (BRASIL, 2002) e regulamentada pelo decreto 5.626/2005 (BRASIL, 2005). As modificações estão acontecendo, porém, o caminho é duro e as comunidades surdas precisam resistir a toda repressão que venha tentar pará-los.

Vive-se no Brasil um processo de conquistas a favor dos grupos surdos. Um grande fator que tem contribuído com isso são os vários estudos acadêmicos sobre esta temática. A influência que esses estudos têm exercido na sociedade está mudando a visão das pessoas sobre as comunidades surdas. A sociedade brasileira está começando a perceber que os surdos não são deficientes incapazes e inferiores às demais pessoas, e sim pessoas diferentes e com muitas qualidades e coisas a ensinar.

Desde o final do século XX e início do século XXI, os surdos pertencentes aos grandes centros urbanos estão participando de várias atividades acadêmicas,<sup>2</sup> provando que eles podem fazer a diferença no meio em que estão vivendo. Esse tipo de desenvolvimento que antes era impossível, hoje se torna possível, demonstrando que as resistências contra a opressão e exclusão não têm sido em vão (TESKE, 2002).

Não se pode esquecer de que existem muitos ouvintes que ultrapassaram a fronteira cultural e mergulharam nas culturas e comunidades surdas, sendo também importantes agentes de resistência e transformação da realidade surda. É necessário saber que biologicamente

---

<sup>2</sup> A Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) tem se destacado nas atividades e estudos científicos na área da surdez. Essa universidade criou recentemente o curso de licenciatura em Letras/Libras, que tem vários pólos espalhados pelo Brasil, capacitando vários surdos ao ensino da Língua de sinais nas escolas e universidades. Também foi criado no ano 2008 o curso de Bacharel em Letras/Libras, visando capacitar o profissional intérprete na prática da interpretação/tradução. Esta instituição é também a responsável pelo ProLibras (Exame de certificação de Proficiência em Libras), para atuação como intérprete/tradutor ou instrutor de Libras.



os ouvintes sempre serão ouvintes, assim como os surdos sempre serão surdos. Isso não impede que o diálogo e a busca de um entendimento, objetivando a reconstrução do Estado Social, devem acontecer em conjunto” (TESKE, 2002, p. 65).

A busca pelo diálogo proposta por Teske (2002) é de grande relevância, pois desconstrói o individualismo, que é um marco na época contemporânea, e tenta reconstruir um ambiente social onde haja solidariedade, respeito, vida em comunhão, entre outros. Surdos e ouvintes lutando juntos contra as forças opressoras e exclusivistas da sociedade brasileira.

Os intérpretes de língua de sinais, no Brasil, chamados de intérpretes de Libras, são pessoas ouvintes que a cada dia têm ultrapassado essa fronteira cultural e estão se envolvendo e ocupando um papel importante na resistência surda contra as forças opressoras da sociedade. O papel desses profissionais é o de intermediário entre diferentes culturas, não apenas na tradução/interpretação da língua, mas também na cultura, história, movimentos sociais e políticos dos surdos entre outros (PERLIN, 2006). Os intérpretes são ouvintes que além de aprenderem uma língua de sinais, passam de alguma forma a perceber o mundo de uma forma diferenciada, não como um surdo, mas como um ouvinte que se preocupa com a causa surda, mantendo sempre a sua particularidade como pessoa ouvinte. São pessoas, assim como os surdos, que estão sempre convivendo simultaneamente com pessoas de culturas e línguas totalmente diferentes, tentando levar acessibilidade aos surdos em todas as questões sociais. É muito importante que se reconheça o importante e difícil papel que os intérpretes têm. Eles são diferentes peças, cada um com sua



particularidade e identidade, que juntamente com os diferentes surdos constroem o grande mosaico que são as culturas e comunidades surdas.

Os movimentos de resistência surda, compostos por surdos e ouvintes solidários e engajados com a causa surda, têm lutado incessantemente contra os problemas que inviabilizam a vida dessas pessoas. Visando alcançar os seus vários direitos como vida, trabalho, cultura, entre outros, os militantes dessa causa têm procurado unir forças entre as várias associações de surdos<sup>3</sup> espalhadas pelo Brasil e pelo mundo, para que haja uma verdadeira transformação através da união. Esse inter-relacionamento entre os surdos do mundo todo tem como órgão responsável a Federação Mundial de Surdos (FMS), que administra todas as relações de movimentos surdos e as transmite para os organismos filiados a ela. Isso não quer dizer que exista um centralidade em que todas as ações devam sair desse órgão, visto que existem grupos de surdos que sequer conhecem essa federação, mas que também estão militando pela causa surda (PERLIN, 2001). O mais importante nas ações de resistência quanto ao poder opressor da sociedade brasileira é a irmandade que a maioria dos surdos têm, abrindo-se espaço até para os ouvintes que queiram lutar com eles.

Seria um grave erro pensar que os surdos atualmente têm levado uma vida digna, e que todos os seus direitos têm sido garantidos. Ainda há muito a se fazer, pois atualmente existem vários surdos que continuam sofrendo com a opressão e exclusão social. São várias as vitórias, mas ainda há muito a se conquistar.

---

<sup>3</sup> As associações de surdos são lugares onde os surdos se encontram para discutir questões sociais, se divertirem, realizarem eventos, entre várias outras atividades. Essas associações surgiram como ambiente de resistência surda contra a prática etnocêntrica realizada por alguns ouvintes.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não se pretende concluir um assunto tão vasto como este, mas apenas fazer alguns apontamentos que podem contribuir para pesquisas futuras dentro da temática das comunidades surdas em relação às comunidades ouvintes.

Diante do que foi visto até aqui, cabe ressaltar que a exclusão social, linguística e cultural, ainda persiste, mas as forças de resistência tem prestado um fundamental serviço para que se estabeleça, cada vez mais, uma sociedade pautada pelo princípio da equidade, valorizando a heterogeneidade, em detrimento da homogeneização.

É notório que ainda são poucos os movimentos pró-surdos, mas que já tem feito grande diferença. Superar essa visão excludente onde os surdos são vistos como minorias marginalizadas, faz-se cada vez mais necessário. Este trabalho vem para corroborar com a resistência surda, para que se possa criar espaços onde surdos e ouvintes possam ter seus direitos garantidos e viverem o plural em meio a diversidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. *Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002*. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Brasília: DF, abr. 2002. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/l10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm)> acesso em 03 de out. de 2019

BRASIL. *Decreto Nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005*. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art.

O INDIVÍDUO SURDO NA SOCIEDADE OUVINTE: RESISTIR É PRECISO.

*Edivaldo dos Santos Junior*



18 da Lei nº 10.098 de 19 de dezembro de 2000. Brasília: DF, dez. 2005. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm)> acesso em 03 de out. de 2019

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Pesquisa nacional por amostra de domicílios: Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência*. Rio de Janeiro, 2010.

PERLIN, Gladis T. T. A cultura surda e os intérpretes de língua de sinais. *Educação Temática Digital*, Campinas, v.7, n. 2, p. 135-146, jun. 2006.

\_\_\_\_\_. Identidades surdas. In: SKLIAR, Carlos (org.). *A surdez: Um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 2001. p. 51-73.

PFEIFER, Paula Veras. *Pensado a interação social dos sujeitos surdos: uma análise sobre a escolha da modalidade lingüística – língua de sinais ou língua oral – pela família*. 2003. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) – Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2003.

KELMAN, Celeste Azulay. Multiculturalismo e surdez: uma questão de respeito as culturas minoritárias. In: FERNANDES, Eulália (org.). *Surdez e Bilingüismo*. Porto Alegre: Mediação, 2005. p. 87-103

SANTOS JUNIOR, Edivaldo dos. *A pastoral numa perspectiva das culturas e comunidades surdas do Estado do Rio de Janeiro*. 2008. Monografia (Bacharelado em Teologia) - Faculdade Batista do Rio de Janeiro, 2008.

SÁ, Nídia Limeira de. *Cultura, poder e educação de surdos*. São Paulo: Paulinas, 2006.



\_\_\_\_\_. Os Estudos Surdos. *Feneis*, Rio de Janeiro, ano IV, n. 15, p. 26-28, julho/out. 2002.

SILVA, Angela Carrancho da. A representação social da surdez: entre o mundo acadêmico e o cotidiano surdo. In: FERNANDES, Eulália (org.). *Surdez e Bilingüismo*. Porto Alegre: Mediação, 2005. p. 37-49.

TESKE, Ottmar. As relações de poder(es) nos territórios contestados na surdez. CONGRESSO SURDEZ E PÓS-MODERNIDADE: NOVOS RUMOS PARA A EDUCAÇÃO BRASILEIRA, 2002, *Anais do Congresso Surdez e Pós-Modernidade: Novos rumos para a educação brasileira*. Rio de Janeiro: INES, 2002. p. 59-69.

TORRES, Elisabeth Fátima; MAZZONI, Alberto Angel e MELLO, Anahi Guedes . Nem toda pessoa cega lê em Braille nem toda pessoa surda se comunica em língua de sinais. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.33, n.2, p. 369-385, maio/ago. 2007.

## IDENTIFICAÇÃO DO AUTOR



### EDIVALDO DOS SANTOS JUNIOR

Intérprete de Libras pelo Prolibras  
Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista do Rio de Janeiro - 2008  
Licenciado em Sociologia pela Universidade Uninter – 2019  
Mestrando em Educação Profissional Tecnológica no programa de pós-graduação ProfEPT - IFTO, campus Palmas - TO  
E-mail: [Junior.antropos@gmail.com](mailto:Junior.antropos@gmail.com)  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5510104386680270>

O INDIVÍDUO SURDO NA SOCIEDADE OUVINTE: RESISTIR É PRECISO.

*Edivaldo dos Santos Junior*